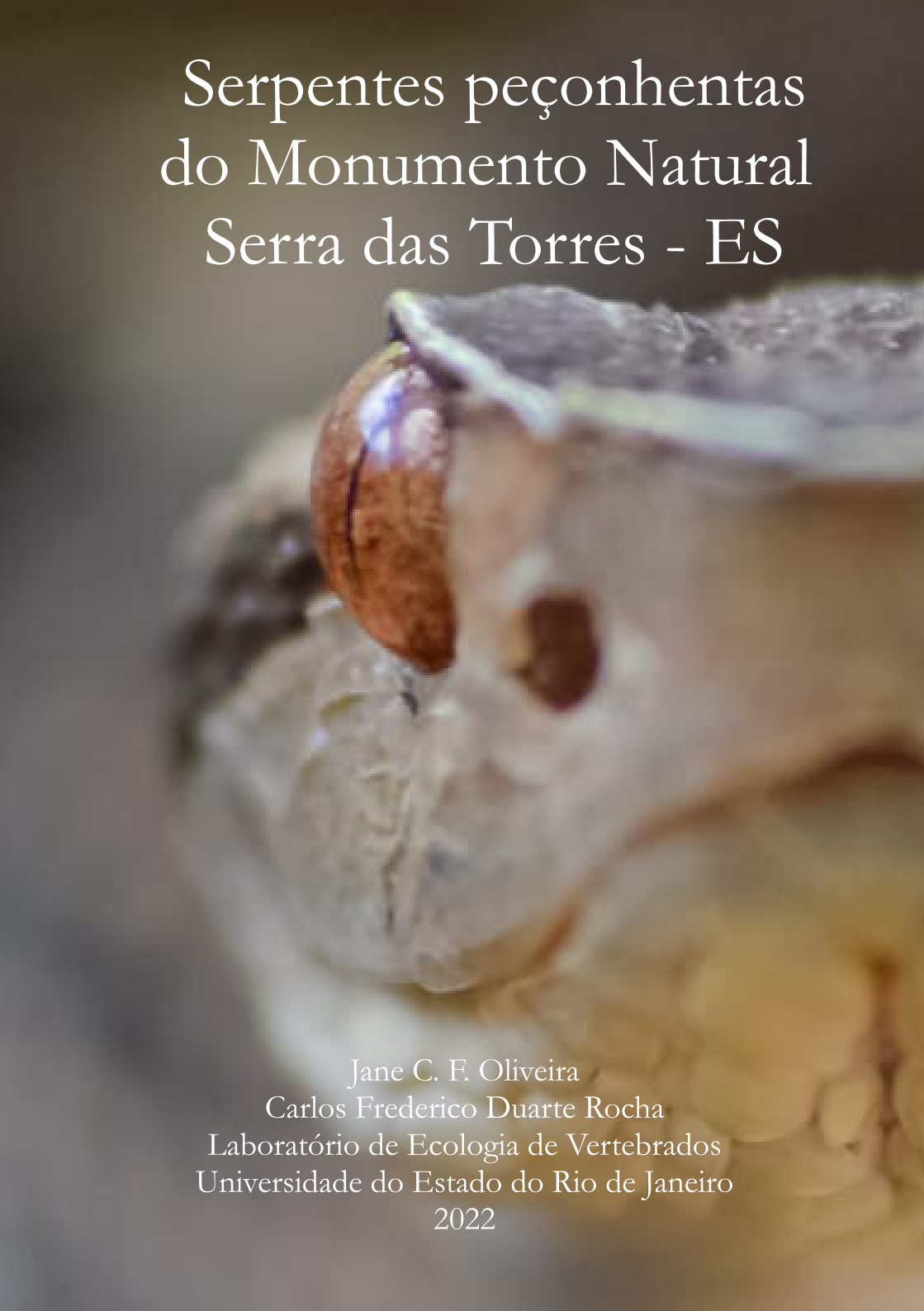
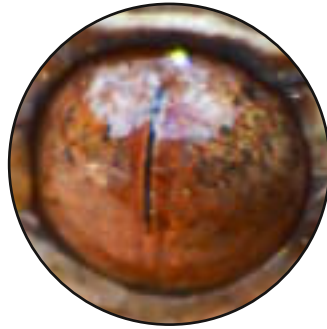


Serpentes peçonhentas do Monumento Natural Serra das Torres - ES



Jane C. F. Oliveira
Carlos Frederico Duarte Rocha
Laboratório de Ecologia de Vertebrados
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
2022



Serpentes peçonhentas do
Monumento Natural Serra das Torres
- Espírito Santo -

Jane C. F. Oliveira
Carlos Frederico Duarte Rocha
Laboratório de Ecologia de Vertebrados
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
2022



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Oliveira, Jane C. F.

Serpentes peçonhentas do Monumento Natural Serra das Torres, Espírito Santo / Jane C. F. Oliveira, Carlos Frederico Duarte Rocha. -- Rio de Janeiro, RJ : Ed. dos Autores, 2022.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-42082-1

1. Biodiversidade 2. Cobras venenosas - Brasil
3. Cobras venenosas - Brasil - Identificação
4. Herpetologia 5. Monumento Natural Estadual Serra das Torres (MONAST) I. Rocha, Carlos Frederico Duarte. II. Título.

22-105669

CDD-597.96098152

Índices para catálogo sistemático:

1. Monumento Natural Estadual Serra das Torres :
Serpentes peçonhentas : Identificação :
Espírito Santo : Estado : Zoologia
597.96098152

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Dedicado aos moradores, visitantes, administradores, e todos os demais amantes das belezas cênicas, da natureza e da biodiversidade do Monumento Natural da Serra das Torres e região.



Agradecimentos

Este guia foi elaborado em atendimento à solicitação dos moradores do entorno do MONAST, por suas preocupações com serpentes, sendo direcionado ao público leigo.

Este texto é parte dos resultados do projeto “Herpetofauna da Serra das Torres”, que integra o PPBio Mata Atlântica - Programa de Pesquisas em Biodiversidade do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, e do Programa do Biota/FAPERJ da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Ao Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema) e à Secretaria de Meio Ambiente de Atílio Vivácqua pelo contínuo apoio logístico e licenças de pesquisa.

Agradecemos à administração do Monumento Natural da Serra das Torres - MONAST - por todo o apoio e facilidades durante as pesquisas e pela viabilização da publicação deste texto.

O trabalho integra as ações de Extensão do Laboratório de Ecologia de Vertebrados da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) junto à Pro-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade do estado do Rio de Janeiro - UERJ.

Esta pesquisa está voltada aos esforços de conservação do Plano de Ação Nacional para Conservação da



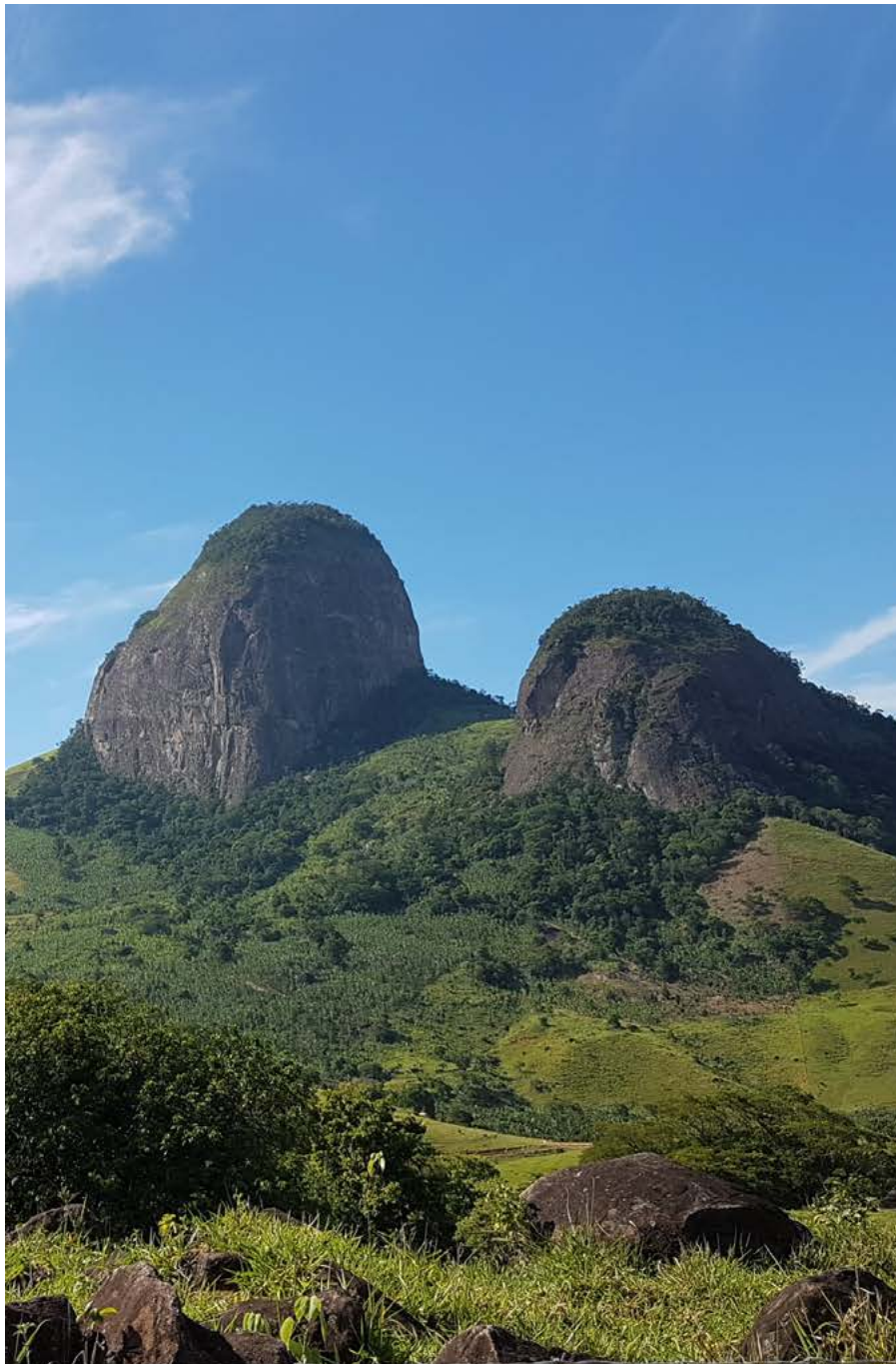
Herpetofauna Ameaçada da Mata Atlântica da Região Sudeste do Brasil – PAN-Herpetofauna do Sudeste. Ela ocorre em parceria da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio., voltados para a conservação de espécies ameaçadas de extinção da herpetofauna.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução (PPGEE) do Instituto de Biologia da UERJ, pelo apoio parcial via PROEX/CAPES, que subvencionou os custos de design gráfico, arte, diagramação e elaboração gráfica desta publicação.

Ao Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de produtividade em pesquisa, à FAPERJ pela Bolsa “Cientistas do Nosso Estado”, e à UERJ, pela bolsa ProCiência de Produtividade em pesquisa, que concederam.

Agradecemos à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ pela bolsa de pós doutorado concedida à Jane C. F. de Oliveira (processo E-26/202.388/2017).

Agradecemos aos moradores da região do MONAST pelo apoio local à equipe de pesquisa, agradecemos à Karolina Gazoni e a Milena Faroni pelo apoio, e à Marcelia Basto, Stela Nestor e Claudio Machado, pela revisão deste conteúdo. Aos membros da equipe de pesquisa que originou os dados publicados neste livro.





MONUMENTO NATURAL SERRA DAS TORRES (MONAST)

O Monumento Natural Serra das Torres (MONAST) está localizado no sul do estado do Espírito Santo compreendendo porções dos maciços rochosos dos municípios de Atílio Vivácqua, Mimoso do Sul e Muqui, no sudeste do Brasil. O MONAST abrange o maior complexo de remanescentes florestais do sul do Espírito Santo, com aproximadamente 10.450 hectares de Mata Atlântica. Este remanescente florestal inclui montanhas que chegam a 1100 metros de altitude em seu ponto mais alto e os tipos de vegetação presentes são compostos por floresta estacional semidecídua, floresta ombrófila densa submontana e floresta ombrófila densa, todas em diferentes níveis de conservação. A temperatura média anual é de aproximadamente 24,5°C e a média de chuvas anual é de cerca de 1290 milímetros.





O MONAST é a maior Unidade de Conservação da categoria Proteção Integral criada pelo governo do Espírito Santo e um dos mais relevantes complexos florestais do sul do Estado. A sua criação foi recomendada em 2010 e foi baseada em sua beleza cênica, na necessidade de preservação de ambientes raros e de elevada importância e da biodiversidade geral. Nos ambientes do MONAST, destacam-se os imponentes pontões, "pães de açúcar", escarpas íngremes e vales profundos. Dos pontos mais elevados nascem as águas que correm pelos inúmeros vales cercados por vegetação fechada e que formam parte de duas importantes bacias hidrográficas: a do rio Itapemirim e do rio Itabapoana. A impressionante beleza da região favorece o turismo que tem crescido a cada ano, inclusive o turismo de aventura que se aproveita dos muitos afloramentos rochosos para realização de escalada. Alguns dos pontos mais



visitados, e que se encontram dentro das propriedades particulares, são a Pedra Estrela Dalva e Pedra do Farol em Mimoso do Sul, Pedra Linda Aurora e Pedra da Caveira em Atilio Vivácqua, Pedra Santa Maria e Poço Candura em Muqui. Encontramos ainda o Circuito de Ciclismo que faz um trajeto pelos três municípios que compõem o MONAST.

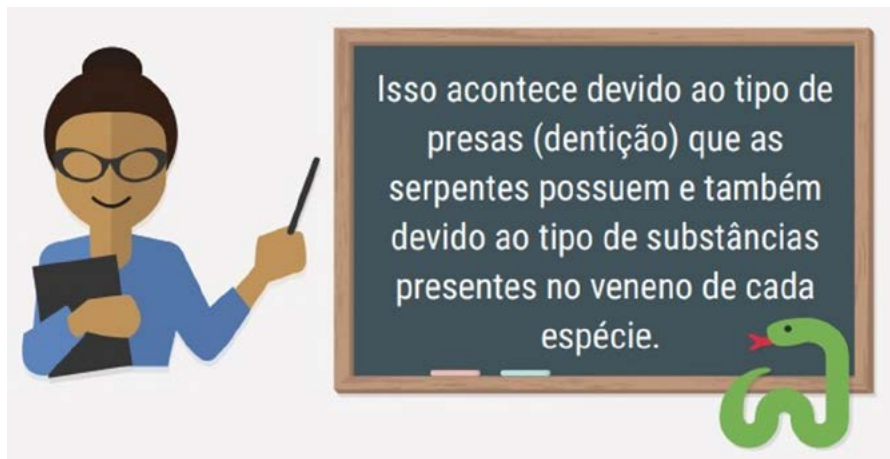
Até o momento, foram encontrados na Serra das Torres: 54 espécies de anfíbios e 35 espécies de répteis, que compõem o grupo chamado de herpetofauna. Dentre os répteis encontrados, 21 espécies são de serpentes e apenas 4 delas causam preocupação em caso de acidentes, as demais 17 espécies são inofensivas aos seres humanos.

Nesta publicação nós vamos tratar, principalmente, sobre estas quatro espécies de serpentes peçonhentas, buscando explicar como é possível conviver com elas.





NEM TODA SERPENTE É PEÇONHENTA



Primero, é preciso esclarecer que nem toda serpente é peçonhenta, e que você pode aprender a identificar qual delas está envolvida em acidentes graves, ou seja, em acidentes de importância médica.

Chamamos de espécie peçonhenta aquelas que são capazes de inocular veneno no corpo de outros animais através de ferrões, presas ou estruturas semelhantes. No caso das serpentes, existe ainda um detalhe importante: apenas uma pequena porcentagem das espécies classificadas como peçonhentas está envolvida em acidentes de importância médica.

As serpentes peçonhentas e de importância médica no Brasil são as Corais-Verdadeiras (família dos elapídeos) e as espécies da família dos viperídeos, que são popularmente chamadas de Jararacas, Jararacuços e outros nomes populares.



Elas possuem veneno com substâncias tóxicas que, em contato com o corpo de outros animais, podem causar diferentes complicações. Mais adiante, veremos qual o tipo de dentição presente em cada um desses grupos de serpentes.

Antes de passarmos para a próxima página, um alerta: o nome popular de toda espécie pode variar dependendo da região do Brasil em que você esteja.



Então, a serpente que você conhece como **Jararacuçu**, pode ser chamada em outra região por **Urutu-Dourado**, por exemplo. É apenas questão de conhecimento popular.

"Vamos então conhecer um pouco sobre as serpentes de importância médica que você pode encontrar no Monumento Natural Serra das Torres no Espírito Santo."



JARARACA
(*Bothrops jararaca*)





A Jararaca é a espécie de serpente mais comum na Serra das Torres. Existem algumas características que permitem reconhecer uma Jararaca:



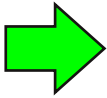
Toda Jararaca verdadeira (falamos aqui das espécies peçonhentas e de importância médica) possui um orifício entre os olhos e a narina que chamamos de fosseta loreal. Ele é um sensor de luz e de calor. O corpo das Jararacas é marrom, em geral com triângulos escuros, fechados na base.



Quando são jovens (como nesta imagem), as Jararacas possuem a ponta da cauda mais clara, quase branca. Na medida em que crescem, a cor vai se tornando mais escura.

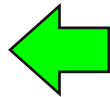


Para uma identificação rápida por pessoas que não são profissionais, a fosseta loreal é a característica mais confiável. Existem alguns erros e mitos sobre características de serpentes peçonhentas, por exemplo:



Não é verdade que TODA serpente de cabeça triangular seja peçonhenta.

Não é verdade que TODA serpente de olhos com pupila vertical (como os olhos dos gatos) seja peçonhenta.





COMO AS JARARACAS AUXILIAM OS HUMANOS



As Jararacas auxiliam os humanos de muitas formas, por exemplo: As Jararacas se alimentam, entre os outros itens, de ratos. Isso significa que elas controlam a proliferação destes animais evitando prejuízos nos alimentos armazenados ou mesmo na lavoura. Essa é uma forma do que chamamos de “Serviços Ecosistêmicos” prestados por elas, ao controlarem os números populacionais desses organismos.

No veneno das Jararacas existem substâncias que são usadas na fabricação de medicamentos. O Captopril, por exemplo, para controle de pressão alta, é fabricado com algumas dessas substâncias.

É importante destacar que NENHUMA espécie existe para ser útil aos humanos.

Elas possuem funções na Natureza

e não são importantes apenas se forem úteis para nós.



JARARACUÇU (*Bothrops jararacussu*)



Ao contrário da Jararaca, a Jararacuçu não é comum na Serra das Torres. Em geral, ela não é encontrada com frequência próximo a humanos, também em outras localidades. Essa espécie precisa de grandes áreas preservadas para sobreviver. A Jararacuçu também possui fosseta loreal.





A Jararacuçu é uma serpente de grande porte e corpo robusto, quando adulta. Ela é a segunda maior serpente peçonhenta do Brasil. A coloração varia conforme a idade e o sexo: nas fêmeas adultas existe grande contraste de manchas pretas sobre o fundo amarelo. Já nos machos adultos, as manchas são menos definidas e o fundo é castanho ou acinzentado.



Ao contrário das manchas da Jararaca, que se parecem com um triângulo, a Jararacuçu tem manchas arredondadas, abertas na base, lembrando uma ferradura.

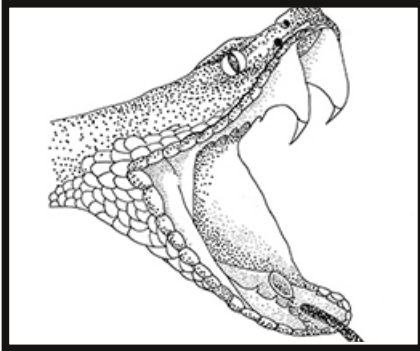


As Jararacuçu, assim como as Jararacas são importantes controladoras de roedores e de outros animais na natureza. Além de participarem do controle da cadeia alimentar, elas, através do veneno que produzem, também fornecem matéria prima para produção de medicamentos. Recentemente, pesquisadores brasileiros descobriram que, no veneno das Jararacuçu (*Bothrops jararacussu*), existem substâncias capazes de interromper a ação do vírus SARSCoV-2, causador da Covid 19.



AS PRESAS DAS JARARACAS E JARARACUÇUS

As serpentes possuem diferentes formatos de presas (par de dentes frontais de maiores dimensões). As espécies da família dos viperídeos, que, na Serra das Torres são a Jararaca e a Jararacuçu, possuem presas como as ilustradas nas figuras a seguir:



As presas estão localizadas na parte da frente da boca, são móveis, ou seja, quando não estão em uso elas ficam retraídas para trás, e, quando preparadas para uso durante um ataque a uma presa, são projetadas para a frente. Essas presas possuem canais por onde passa o veneno, de forma semelhante ao líquido correndo no interior de uma agulha da seringa de injeção.

Até o momento, com este tipo de dentição, são conhecidas apenas duas espécies no MONAST: a Jararaca e a Jararacuçu.

Como veremos adiante, as presas das Cobras-Corais e das demais serpentes no MONAST são diferentes daquelas encontradas nestas duas espécies de viperídeos.

PARECE JARARACA, MAS NÃO É!

Muitas espécies podem ser, na avaliação de uma pessoa que não seja um profissional de Biologia, semelhantes às Jararacas (da família dos viperídeos). No MONAST temos algumas dessas espécies que se parecem com Jararacas, mas que não oferecem risco de importância médica, e contribuem de maneira importante com o controle de outros pequenos animais.

Como já vimos, é possível identificar se estamos diante de uma Jararaca, ou de outras espécies que apenas têm as mesmas cores. Desta forma, ao encontrar uma serpente com cores semelhantes a das Jararacas (marrom com manchas escuras), avalie primeiro se ela possui fosseta loreal. No exemplo vemos uma serpente sem fosseta loreal e sem importância médica.



Apesar de tais serpentes não serem consideradas de importância médica, jamais manipule nenhuma espécie com as mãos. Todas as serpentes podem morder para se defender.



ALGUMAS FALSAS JARARACAS ENCONTRADAS NA SERRA DAS TORRES



A Papa-Lesma (*Dipsas variegata*) não é uma espécie de importância médica. Essa espécie é de pequeno tamanho, possui uma cauda fina e longa, e costuma ser vista entre galhos e cipós. Quando se sente ameaçada, ela se enrola até parecer uma pequena bola. Se for incomodada pode soltar mau cheiro para afastar o predador. Seu principal alimento são lesmas, e, por isso, são frequentemente encontradas nas hortas. Ela não possui fosseta loreal.





A Cobra-Olhuda (*Imantodes cenchoa*) não é uma espécie de importância médica, e, apesar de possuir um par de presas na parte de trás da boca, não são conhecidos casos de acidentes com essa espécie. O veneno é utilizado apenas para caçar pequenos lagartos ou anfíbios. Essa espécie possui o corpo muito longo, a cauda fina e longa e costuma ser vista em árvores e arbustos. Ela não possui fosseta loreal.





A Boipeva (*Xenodon neumiedii*) não é uma espécie de importância médica. Ela se alimenta de anfíbios, é encontrada se deslocando pelo chão e, nunca é vista sobre árvores. Quando se sente ameaçada essa espécie pode inflar o corpo e triangular a cabeça, lembrando ainda mais uma Jararaca. As cores nas fases jovem e adulta são diferentes. A Boipeva não possui fosseta loreal.





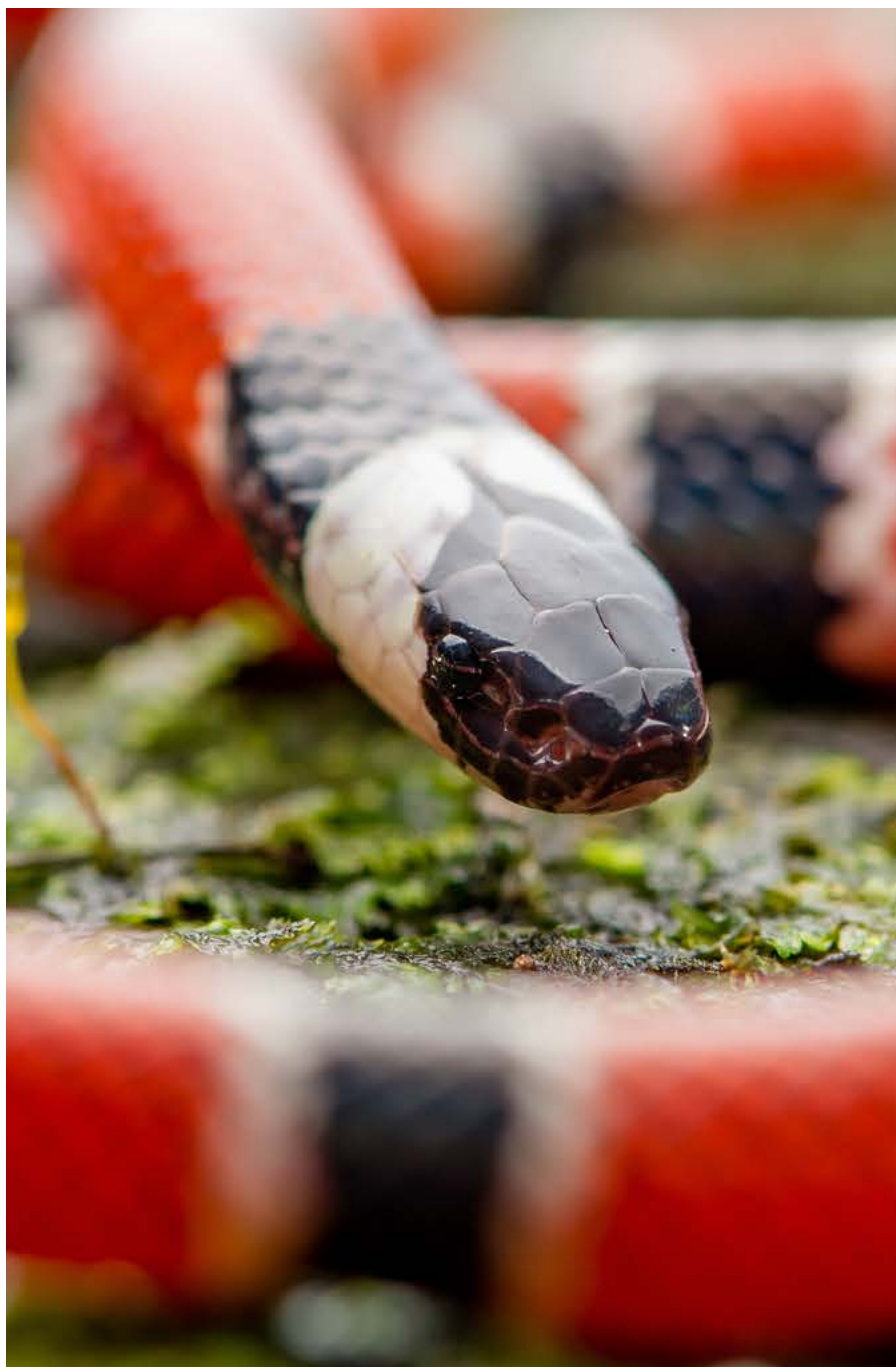
AS COBRAS-CORAIS



As espécies peçonhentas de importância médica que vimos até agora são relativamente fáceis de identificar, devido à presença de uma estrutura visível à distância: a fosseta loreal. Mas as Cobras-Corais não possuem fosseta loreal, embora sejam igualmente peçonhentas, e também de importância médica elevada. Desta forma, a identificação destas espécies pode ser difícil até para profissionais. Então, vamos considerar essa dica importante: Não existe combinação de cores ou listras confiável que sirva para identificar as Cobras-Corais.

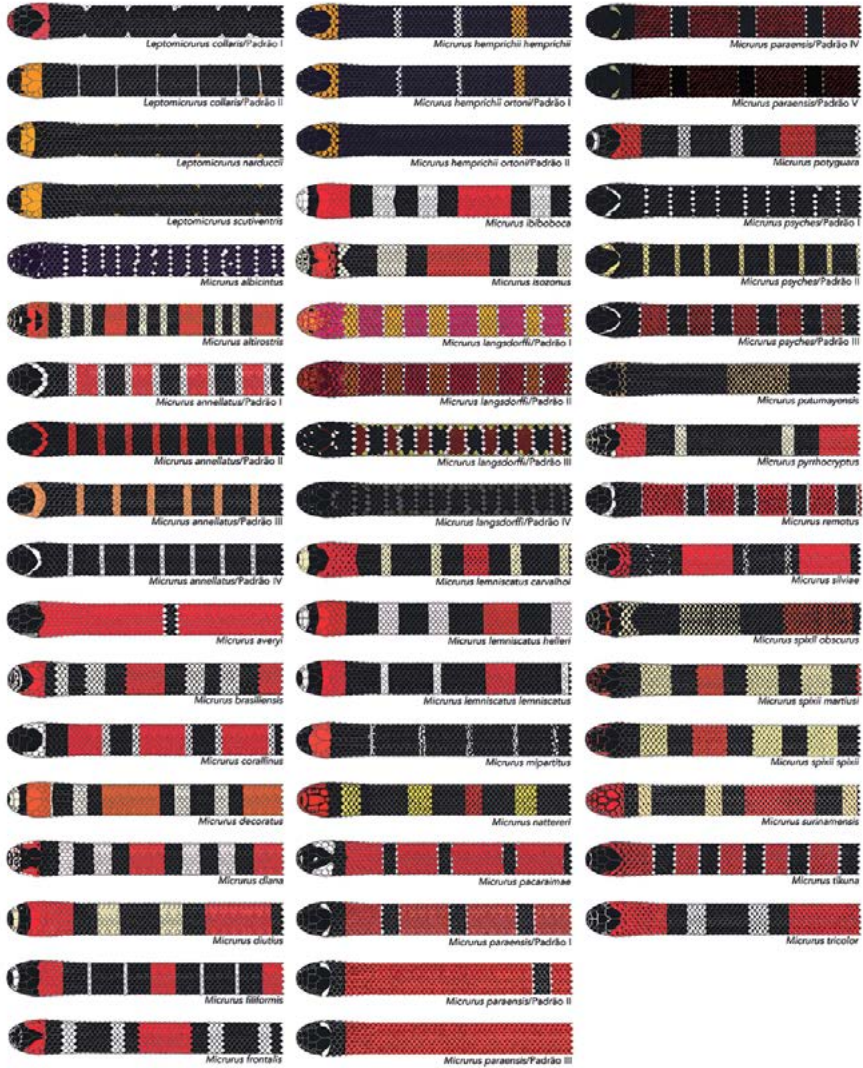
A combinação de cores e listras é muito variável entre as espécies das chamadas corais e, por segurança, não deve ser usada para diferir as Cobras-Corais verdadeiras das falsas.

Na Serra das Torres, encontramos duas espécies de Corais-Verdadeiras e algumas espécies chamadas de Corais-Falsas. Vamos entender a diferença entre elas.





Veja nesta imagem quantas espécies e combinações de cores diferentes são conhecidas para Corais-Verdadeiras em todo o Brasil.



Popularmente, chamamos de Corais-Verdadeiras as espécies deste grupo que são capazes de inocular veneno e

cuja reação deste veneno, pode causar um quadro clínico grave podendo até levar a pessoa a morrer (óbito). Corais-Verdadeiras são, portanto, espécies de importância médica.

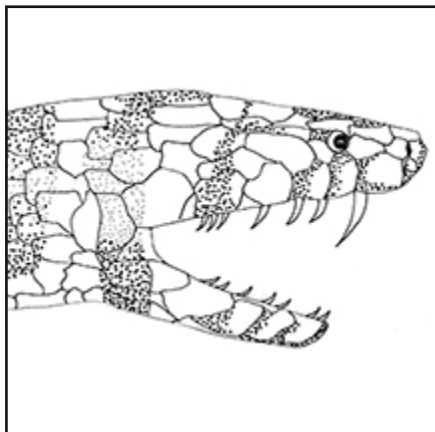


Já as Corais-Falsas são aquelas espécies que possuem cores semelhantes às Corais-Verdadeiras (preto, vermelho, amarelo, laranja), mas que não são espécies cujo veneno pode causar reações graves em humanos. Corais-Falsas não são de importância médica.

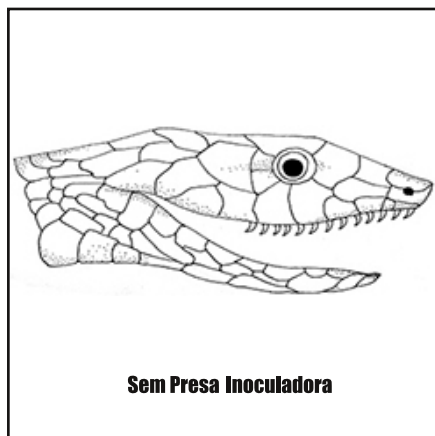
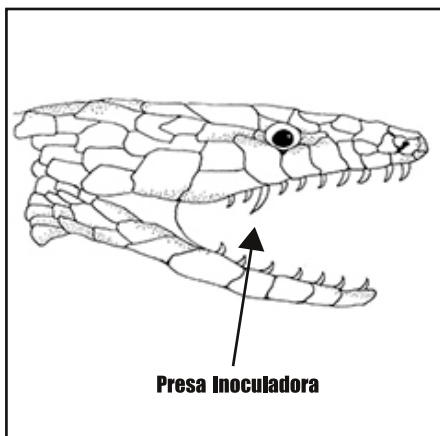


AS PRESAS DAS COBRAS-CORAIS

Como vimos, as presas variam de acordo com os grupos de espécies. As Corais-Verdadeiras possuem presas com canais na parte da frente da boca, mas são presas fixas e são pequenas.



As Corais-Falsas possuem outros tipos de presas. Algumas delas possuem presas com canais, mas estão localizadas na parte de trás da boca. Outras espécies sequer possuem presas com canais inoculadores de veneno.



CORAIS-VERDADEIRAS DO MONAST

A té o momento, conhecemos duas espécies de Corais-Verdadeiras no MONAST:



Coral-Verdadeira (*Micrurus corallinus*)



Coral-Verdadeira (*Micrurus lemniscatus*)

Nas imagens das Corais-Verdadeiras podem ocorrer pequenas variações no tom das cores devido à luz da câmera. A escala de tamanho não é proporcional.



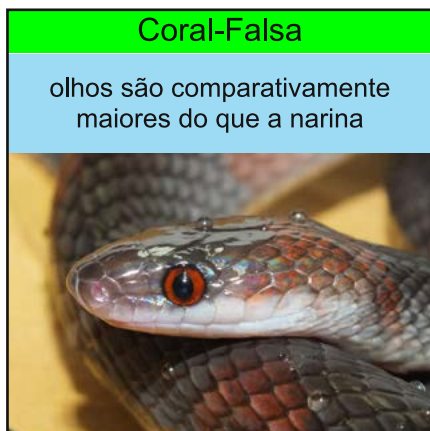
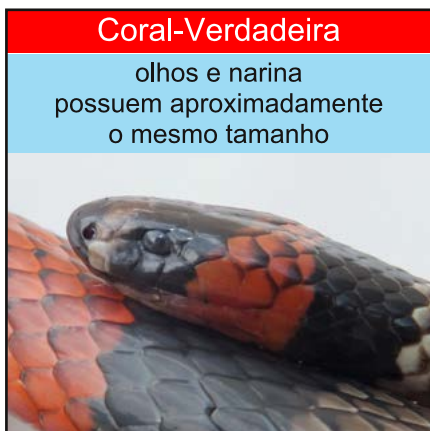
COMPARANDO AS CORAIS-FALSAS E CORAIS-VERDADEIRAS DA SERRA DAS TORRES

A nossa recomendação é: JAMAIS perca tempo tentando descobrir se a Coral é verdadeira ou falsa em caso de uma picada. O correto é procurar um hospital imediatamente, mesmo se houver indícios de que a Cobra-Coral era falsa. Caso antes, consiga fotografar a serpente com um celular, melhor.

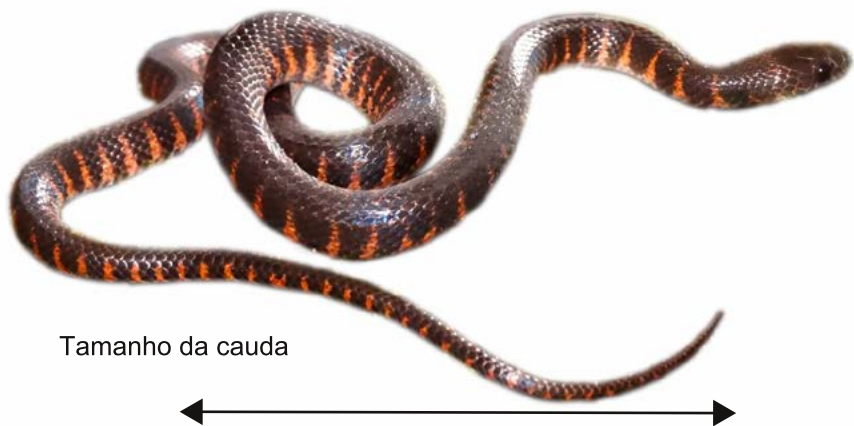
Para as espécies de corais que são conhecidas no MONAST, existem algumas características que podem auxiliar na identificação de espécies de Coral-Falsa e Coral-Verdadeira.

Atenção: Pelo fato de existirem exceções, por questão de segurança, as diferenças entre as Cobras-Corais que vamos mostrar não devem ser usadas em outras localidades.

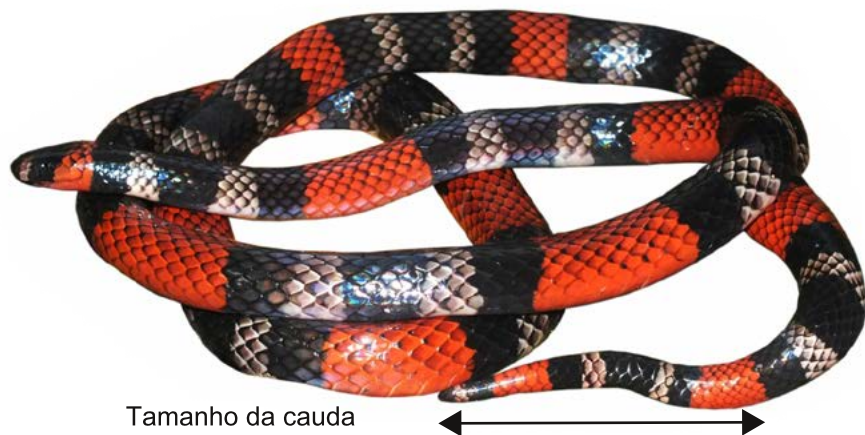
-Tamanho dos olhos-



-Tamanho da cauda-



Nas Corais-Falsas da Serra das Torres (foto acima) o corpo vai se tornando mais fino e termina com uma cauda de ponta fina.



Nas Corais-Verdadeiras (foto acima) o corpo é todo robusto com uma cauda que é quase do mesmo diâmetro do corpo.



Exemplos de corais-falsas da Serra das Torres



Neste exemplo encontramos duas espécies de Coral-Falsa encontradas no MONAST. Ambas possuem olhos grandes, comparados ao tamanho da narina e cauda fina e longa longa.

O que fazer caso encontre uma serpente no MONAST

Um dos maiores erros dos humanos é pensar que nós somos capazes de dominar a natureza. Por causa desse pensamento, centenas de serpentes são mortas diariamente e centenas de pessoas são picadas diariamente.

Cerca de 30 mil picadas de serpentes são registradas todos os anos no Brasil e, destes casos, pelo menos 140 chegam ao óbito.

Lembre-se que, em um combate, os dois oponentes podem sair feridos. Se decidirmos viver em conflito com as serpentes, os dois lados perdem, pois, elas são peça fundamental do funcionamento da natureza.

Nenhuma serpente deve ser morta! E temos razões para isso!

Razões para não matar serpentes

- As serpentes peçonhentas e as não peçonhentas nos prestam importantes serviços ambientais;
- Muitas picadas ocorrem enquanto as pessoas tentam matar ou capturar as serpentes;
- Matar serpentes é crime ambiental previsto na Lei, além de ser um mau exemplo para crianças que podem crescer sem respeito a outros seres vivos.

Como agir caso encontre uma serpente?

Se você é um turista e encontrou uma serpente, a única coisa que você deve fazer é uma bela fotografia dela.

Siga seu caminho e, se for preciso, mude o seu trajeto.



**"NÃO SE
APROXIME DA
SERPENTE!**

**Uma serpente
só pode picar
quem estiver
próximo dela."**



Se você é um morador ou trabalha em áreas próximas às florestas do MONAST, vamos ver mais algumas alternativas. Nós conhecemos a frequência de encontros com serpentes nesta região e sabemos que em muitos casos é impossível aguardar a chegada do Corpo de Bombeiros para resgatar esses animais, caso você ligue para este serviço.



Então, vamos ver outras maneiras de lidar com as serpentes no seu dia a dia

O mesmo objeto usado para matar uma serpente, pode ser usado para afastá-la de perto das pessoas e residências, sem precisar matá-la.



Se uma enxada, uma vassoura, ou um galho são grandes o bastante para matar a serpente sem que ela consiga acertar um bote, então esses objetos serão grandes o bastante para você cuidadosamente afastar a serpente viva, sem feri-la.

MAS, ATENÇÃO!

Antes de pensar em mover uma serpente de lugar, avalie se é realmente necessário.

1 - A primeira coisa a fazer antes de decidir mover uma serpente de lugar é avaliar se ela é uma espécie de importância médica. Se você identificar fosseta loreal, ou se ela possuir cores vermelho, preto, amarelo ou laranja jamais faça essa remoção com as mãos.

2 - A segunda coisa a fazer, é avaliar se a serpente está próxima às pessoas ou alguma residência. Neste caso, use as dicas da página anterior sobre objetos que servem para afastá-la.

Se a serpente está apenas atravessando a estrada, passando pelo quintal ou próxima à alguma parte da mata, deixe que ela vá embora sozinha.

Lembre-se: A Serra das Torres já era a casa de muitas espécies antes de você chegar, e todas elas ajudam a manter o equilíbrio da região.



Prevenção de acidentes com serpentes

Não há melhor remédio do que a prevenção! Algumas ações simples podem evitar picadas de serpentes.



Use botas de cano alto e calça comprida de tecido grosso para trabalhar ou caminhar em áreas onde possa haver serpentes.



Use luvas para revirar objetos do chão, para trabalhar na lavoura ou para fazer qualquer atividade que possa te colocar em contato com serpentes.



Guarde botas, chapéus e mochilas virados para baixo e em um local alto.



Use lanterna se for sair durante a noite, mesmo ao redor da casa.



Não deixe frestas nas portas e janelas. As serpentes podem entrar por estes pequenos espaços.



Não acumule lixo ou entulho no quintal. Ratos costumam frequentar ambientes com entulho e muitas serpentes se alimentam destes animais.



Procure saber previamente qual é o hospital mais próximo de sua residência que armazena soro antiofídico. Em caso de picada, por qualquer espécie de serpente, vá para o hospital.

- Dica extra -

Construa os galinheiros com tela fina, para impedir que as serpentes entrem. Muitas espécies se alimentam de aves e os pintinhos podem ser uma boa refeição para elas.



PRIMEIROS SOCORROS ACIDENTES COM SERPENTES

O atendimento médico rápido com a aplicação do soro antiofídico é a solução correta para evitar risco de óbitos decorrentes de picadas de serpentes. E os primeiros socorros são fundamentais para evitar complicações.



NÃO entre em pânico! Se você foi picado é preciso manter a calma e seguir os procedimentos básicos.



NÃO tente matar nem capturar a serpente. Não é necessário levá-la para que o médico saiba qual tratamento fazer. Na tentativa de capturar a serpente, você ou outra pessoa podem ser novamente picados.



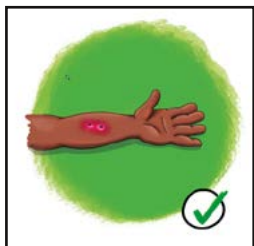
NÃO corte o local da picada, nem tente sugar o veneno com a boca. Além de não ser possível retirar o veneno desta forma, essa ação pode causar uma infecção grave.



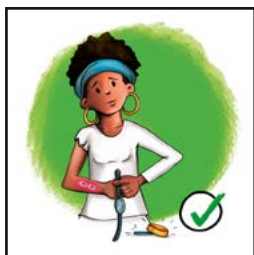
NÃO faça torniquete. Este procedimento impede a circulação do sangue, podendo causar infecções e até a perda do membro afetado.



NÃO use tratamento caseiro. Não existe tratamento caseiro comprovadamente eficiente contra picadas de serpentes.



Não mexa no local da picada enquanto estiver indo ao hospital, nem passe pomada ou qualquer produto caseiro. Se for possível lavar, use apenas água limpa.



Remova quaisquer anéis, pulseiras, relógios que estejam próximo à área afetada para facilitar a circulação do sangue e reduzir inchaços.



Faça o tratamento com o soro antiofídico. Ele é gratuito pelo SUS e é o único medicamento capaz de neutralizar o efeito do veneno de serpentes.

Essas ilustrações são uma cortesia da Health Action International, criadas por Simone Steffens, www.g-works.de

The illustrations are courtesy of Health Action International, created by Simone Steffens, www.g-works.de



MITO SOBRE O USO DE MEDICAMENTO CASEIRO



Alguém que foi picado por uma serpente e recebeu tratamento caseiro pode ter sido curado dos efeitos do veneno? NÃO!

O mais provável é que (1) não era uma serpente peçonhenta ou (2) ela não injetou veneno suficiente para levar a pessoa a óbito.

O veneno das serpentes é importante para a própria sobrevivência destes animais, e, por isso, elas evitam ao máximo desperdiçá-lo.

É por isto que, em muitos casos, serpentes peçonhentas dão o chamado "bote seco", que é uma forma de afastar o predador, mas sem inocular veneno ou inoculam apenas uma pequena quantidade de veneno.

De toda forma, não arrisque a sua vida quando existe um tratamento gratuito e eficiente - o soro antiofídico.

ALGUMAS SERPENTES SEM IMPORTÂNCIA MÉDICA DO MONAST

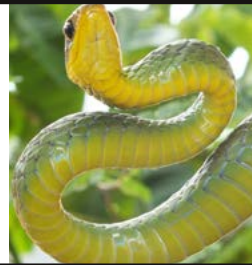
Além das espécies peçonhentas que apresentamos aqui e que ocorrem na Serra das Torres, outras espécies de serpentes já foram registradas em estudos realizados pela nossa equipe no MONAST. Listaremos algumas espécies e destacamos que não incluímos todas as espécies conhecidas, devido à limitação de espaço nesta publicação. Durante o nosso estudo, publicado como artigo científico em 2020, registramos 21 espécies de serpentes, sendo apenas quatro delas peçonhentas de preocupação médica, ou seja, que podem causar acidentes graves. Estas espécies peçonhentas foram apresentadas nas páginas iniciais deste livro e, aqui neste tópico, apresentaremos as espécies comuns na região e também algumas curiosas e que ocorrem com raridade, mostrando o quão importante é o remanescente de floresta da Serra das Torres para a conservação da fauna da mata atlântica.





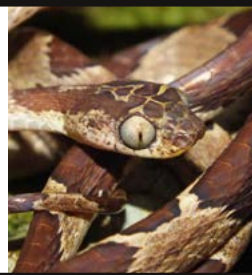
Cobra-Cipó-Verde (*Chironius bicarinatus*). Tem atividade diurna.

Desloca-se principalmente nas árvores e arbustos, mas pode ser vista no chão. Alimenta-se de anfíbios. É comum no MONAST e não representa perigo para humanos ou animais domésticos.



Jiboia (*Boa constrictor*). Tem atividade em habitats variados, e áreas próximas às residências. Alimenta-se de pequenos roedores e aves. Não representa perigo para humanos, mas pode se alimentar de animais domésticos, como pintinhos. Recomenda-se proteger a criação.

Cobra-d'Água (*Erythrolamprus miliaris*). Tem atividades noturnas e diurnas, em ambientes aquáticos e terrestres. Alimenta-se de anfíbios e peixes. Indivíduos jovens e adultos possuem coloração diferente. Não representa perigo para humanos ou animais domésticos.



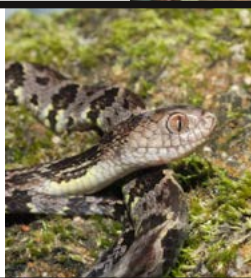
Cipó-Olhuda, Cobra-Cipó, Cobra-Fio, Dorme-Dorme, Dormideira, Dorminhoca, Papa-Lesma (*Imantodes cenchoa*). Difícil vê-la: além de noturna e da camuflagem nos galhos, prefere estar nas matas. Alimenta-se de pequenos lagartos e anfíbios. Não representa perigo.

Cobra-d'Água (*Erythrolamprus reginae*). Tem atividades diurnas, em ambientes aquáticos e em ambiente terrestre. No MONAST não é encontrada com frequência. Alimenta-se de anfíbios e peixes. Não representa perigo para humanos ou animais domésticos.





Caninana ou Papa-Pinto (*Spilotes pullatus*). É diurna, e é arborícola e terrestre. Alimenta-se de pequenos roedores e aves. Não representa perigo para humanos, mas pode se alimentar de animais domésticos, como pintinhos. Recomenda-se proteger a criação.



Cobra-Cipó, Come-Lesma, Dorme-Dorme, Dormideira, Dorminhoca (*Dipsas variegata*). Noturna. Deslocando-se em arbustos e ambientes terrestres. Pode ser encontrada com frequência em jardins e hortas, onde alimenta-se de lesmas. Não representa perigo.

Cobra-Cipó, Dormideira (*Siphophis longicaudatus*). Tem atividade noturna, deslocando-se em arbustos e em ambiente terrestre. Não é frequente no MONAST. Alimenta-se de pequenos lagartos e não representa perigo para humanos nem animais domésticos.



Cobra-Cipó, Dormideira (*Dipsas newwiedi*). Tem atividade noturna, deslocando-se em arbustos e em ambiente terrestre. Alimenta-se de lesmas e pode ser encontrada com frequência em jardins e hortas. Não representa perigo para humanos nem animais domésticos.

Jiboia-Anã (*Tropidophis paucisquamis*). Noturna. Vive em arbustos. Alimenta-se de pequenos anfíbios. Sua rara presença no MONAST, como também na Mata Atlântica, reforça a importância para a conservação da fauna. Não representa perigo.





Falsa-Coral (*Oxyrhopus petolarius*). Noturna. Desloca-se em ambiente terrestre. Alimenta-se de lagartos. Pode apresentar diferentes padrões de cores. É uma espécie comum no MONAST. Não representa perigo, mas por parecer com a Coral-Verdadeira, a atenção é redobrada.



Cobra-de-Leite, Cobra-Preta, Mussurana (*Pseudoboa nigra*). Noturna. Desloca-se em ambiente terrestre. Alimenta-se de lagartos. Pode apresentar diferentes padrões de cores. É comum no MONAST. Não representa perigo para humanos ou animais domésticos.

Dormideira (*Leptodeira annulata*). Tem atividade noturna, deslocando-se em ambiente terrestre e arbustos onde se alimenta principalmente de anfíbios. É uma espécie relativamente comum no MONAST e não representa perigo para humanos ou animais domésticos.



Leitura recomendada sobre a herpetofauna do MONAST

Se vc quiser saber mais informações sobre os répteis da Serra das Torres, você pode ver o artigo originado da pesquisa realizada no MONAST. Lá você encontra a lista das espécies de répteis que é conhecida até o momento para a região da Serra das Torres e MONAST.

Para ler o artigo veja:

Oliveira, J.C.F. Santos R., Lopes-Silva, M.L., Barros, L.P.V., Risse-Quaioto, B, Militão

C.M., Fatorelli, P.,Belmoch, F.A.L., Castro, T. M., & Rocha, C.F.D. 2020. Reptiles of the Serra das Torres Natural Monument: using the Rapid Assessment method to fill a knowledge gap in the Atlantic Forest of southeastern Brazil. *Biota Neotropica*. 20(2): 20190726, ou esse pelo link: <https://doi.org/10.1590/1676-0611-BN-2019-0726>

Fotos e imagens:

Jônatas Sant'Anna Apolinário – Capa, páginas: 01, 14 (foto 1 e 2), 15, 50 (foto 4), Jane C. F. Oliveira – páginas: 06, 08, 13, 18, 19, 21, 22, 23 (foto 1 e 2), 24, 25 (foto 1 e 2), 26, 27 (foto 1 e 2), 31, 33 (fotos 1 e 2), 34 (fotos 1 e 2), 35 (foto 2), 36 (foto 2), 40, 47, 48 (todas as imagens, exceto 03), 49 (todas as imagens), 50 (fotos 1, 2, 6, 7),

Pedro Fatorelli – páginas: 07, 09, 39

Alessandher Piva – Páginas: 16, 29,

Cláudio Machado – Página: 17 (foto 1 e 2),

Roberto Suárez / Musa – Páginas 20, 32 (ilustrações 3 e 4)

Instituto Vital Brazil - Página: 20, 46

Marcos Buononato/Livro Corais do Brasil – Página: 30

Breno Almeida – página: 32

Lorena Vasconcelos – Página: 35 (foto 1), 36 (foto 1)

Canva.com: páginas: 40, 42, 43 (todas as ilustrações)

Health Action International /Simone Steffens – páginas 44 e 45 (todas as ilustrações)

Antônio Carlos de Freitas - páginas: 48 (foto 03), 50 (fotos 3, 5)

Design Gráfico (Criação/Diagramação/Execução): Luiz Duarte/Comnic

Continue aprendendo mais sobre as serpentes



@CC_Serpentes



@convivendoc_serpentes



APOIO:



Save The Snakes



Pró-Reitoria
de Extensão
e Cultura



APOIO:



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO



PPBio.ma
programa de pesquisa em biodiversidade
rede ppbio mata atlântica



PAN
Herpetofauna

